

O crédito cresce apenas 10%, em 83

por Reginaldo Heller
do Rio

O Brasil poderá contar, no próximo ano, com uma oferta total de empréstimos externos da ordem de US\$ 16,7 bilhões, segundo as previsões conservadoras a que chegou a Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid) após exaustivo levantamento realizado junto aos cem maiores bancos do mundo. Isto significa, segundo o presidente da Anbid, Ary Waddington, uma oferta adicional de recursos da ordem de US\$ 8,7 bilhões, além dos US\$ 8 bilhões estimados para pagamento das amortizações da dívida externa.

O estudo levou em conta regras de diversificação de risco por parte dos bancos internacionais, ou seja, não superior a 40% de seus patrimônios líquidos. Nesta hipótese, portanto, a oferta total dos cem maiores bancos atingirá US\$ 64,2 bilhões. Na hipótese de um risco maior — um "exposure" internacional equivalente a 60% do patrimônio —, a oferta seria de US\$ 96,4 bilhões.

O estudo da Anbid não antecipa qualquer prognóstico sobre as efetivas necessidades de recursos externos por parte do Brasil em 1983, mas admite a possibilidade concreta de um crescimento dos ativos totais destes bancos a uma taxa de 10%. Essa mesma hipótese é admitida pelo

professor e economista da FGV, Antônio Carlos Lemgruber, para justificar uma retração do crédito destes bancos.

Como diretor da área internacional do Banco Boavista, ele manteve contatos diretos com os responsáveis pelas operações de crédito para América Latina de dezoito maiores bancos americanos e confirma o consenso de que os ativos totais crescerão 10% em 1983. Mas, segundo declarou a este jornal, os ativos internacionais dos bancos americanos crescerão apenas 5%, no máximo, o que significa uma retração ainda maior do crédito internacional (nos últimos dez anos a taxa média de expansão dos ativos foi de 25% ao ano).

DIFICULDADES

Em outras palavras, como ele mesmo disse, "o Brasil vai enfrentar sérias dificuldades para girar sua dívida externa em 1983". A prevalecer o cálculo conservador da ANBID, a oferta de crédito internacional será insuficiente para o atendimento das necessidades brasileiras, que, segundo Lemgruber, somam cerca de US\$ 18,5 bilhões no próximo ano.

A diferença poderá ser coberta por perda de reservas ou por recurso ao Fundo Monetário Internacional (FMI), com seus créditos sujeitos a condicionalidades. Entretanto, tanto para Lemgruber quanto para Waddington, ouvido pela

repórter Patrícia Sabóia, ainda restam algumas razões para otimismo, pois, afinal, disse Lemgruber, o Brasil desfruta de um bom conceito na comunidade financeira internacional e pode obter uma fatia maior no mercado de crédito.

Segundo o diretor do Banco Boavista, existem precedentes de países que aumentaram suas participações no global do crédito mundial (especialmente no Extremo Oriente, Cingapura, Hong Cong, Tailândia e outros).

O "GAP"

Nos cálculos de Lemgruber, o "gap" de recursos ocorrerá mesmo que o governo registre em 1983 um superávit comercial de US\$ 2 bilhões e o montante de investimentos diretos ascenda a US\$ 2 bilhões (US\$ 1,4 bilhão em 1981). Em outras palavras, neste caso, o crescimento da dívida externa brasileira será igual ao serviço da dívida, incluindo o "spread" e os "flat-fee" cobrados nos empréstimos, da ordem de 10 a 15%, ou, ainda, em torno de US\$ 10,5 bilhões. A estes deve-se acrescentar o montante de amortizações, da ordem de US\$ 8 bilhões. Se, ao contrário, o superávit comercial for maior (ou o volume de investimentos superar as estimativas), então o "gap" diminuirá, e vice-versa.

Para este ano, no entanto, as preocupações são menores. Waddington não acredita num esgotamento imediato das possibilidades brasileiras. Lemgruber, por sua vez, lembra que o Brasil ainda tem fôlego, através de suas reservas, para enfrentar as dificuldades do momento.

Mas, também ouvido por este jornal, o vice-presidente sênior do Citibank, Ivo Tonin, afirmou que, em caso de necessidade, especialmente para o próximo ano, o Brasil precisa perder escrúpulos em relação ao FMI. "Afinal ele existe para ajudar as economias em dificuldades."

Tonin reconhece a seiparalisação do mercado financeiro hoje, mas assegura que o Citibank continua captando normalmente, estimando, para setembro, mais de US\$ 130 milhões, apenas em operações do tipo Resolução nº 63.